



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/05/2024 e 09/05/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/05/2024	12,01	366,50	42,42	6,06	4,47
06/05/2024	12,34	381,20	43,17	6,32	4,57
07/05/2024	12,32	377,40	43,85	6,24	4,53
08/05/2024	12,12	374,80	43,15	6,16	4,45
09/05/2024	11,92	368,00	42,01	6,19	4,42
Média	12,14	373,58	42,69	6,20	4,47

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	119,00	
RS – Não Me Toque	118,50	
RS – Londrina	117,00	
PR – M.C.Rondon	117,00	
MT – C.N.Parecis	112,00	
MS – Maracaju	120,00	
GO - Rio Verde	115,00	
BA – L.E.Magalhães	115,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	58,00	CIF
Porto de Paranaguá	S/C	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	54,00	
SC – Rio do Sul	56,00	
PR – M.C.Rondon	48,00	
PR – Londrina	48,00	
MT – C.N.Parecis	36,00	
MS – Maracaju	49,00	
SP – Itapetininga	53,00	
SP – Campinas	59,00	CIF
GO – Rio Verde	44,00	
GO – Jataí	44,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	62,00	
RS – Não Me Toque	64,00	
PR – Londrina	67,00	
PR – M.C.Rondon	67,00	

Período: 08/05/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 09/05/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	55,04	119,00	63,21

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
09/05/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	105,32
Feijão (saco 60 Kg)	275,97
Sorgo (saco 60 Kg)	49,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,07
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,34**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,14

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Março/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, subiram novamente nesta semana, puxadas pelos efeitos climáticos no Rio Grande do Sul e as possibilidades concretas de perdas nas lavouras da oleaginosa ainda a colher. Mas, com a aproximação da divulgação do relatório de oferta e demanda do USDA, realizada no dia 10/05, que traria as primeiras projeções para a futura safra estadunidense da oleaginosa, o mercado cedeu e fechou a quinta-feira (09) muito próximo do fechamento de uma semana atrás. Sobre este relatório, iremos comentá-lo com detalhes em nosso próximo boletim, destacando que as expectativas sobre o mesmo eram de que ele viria recompondo os estoques mundiais e, portanto, seria baixista para a soja. Porém, as bases para a recomposição dos estoques seriam fracas. No geral, com o aumento na área semeada de soja nos EUA, a produção global para 2024/25 pode ser melhor. (cf. Hedgepoint)

Com isso, após atingir a US\$ 12,34/bushel no dia 06/05, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (09) em US\$ 11,92/bushel, contra US\$ 11,90 uma semana antes.

Enquanto isso, o plantio da soja, nos EUA, até o dia 05/05, atingia a 25% da área esperada, contra 21% na média histórica para este período. Das lavouras já semeadas, 9% estavam germinadas, contra 4% na média dos últimos cinco anos.

Já os embarques de soja, por parte dos EUA, na semana encerrada em 02/05, chegaram a 348.654 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total exportado neste atual ano comercial já chega a 39,1 milhões de toneladas, porém, ainda 18% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, mais próximo de nós, isto é, no Paraguai, a safrinha de soja neste país atinge uma colheita de 10% da área, porém, a produção final da mesma deve ser menor devido a problemas climáticos. Assim, a produtividade média caiu para 1.500 quilos/hectare. Desta forma, somando as duas safras, espera-se uma produção de 9,8 milhões de toneladas neste ano. Cerca de 62% da soja da safra atual já estaria comercializada no Paraguai, neste momento, particularmente em função dos vencimentos dos compromissos bancários dos produtores neste período. No mesmo período do ano passado 80% da safra paraguaia de soja estava comercializada. (cf. Stone X)

E no Brasil, o aumento dos preços em Chicago acabou sendo compensado pela valorização do Real, o qual, durante a semana, chegou a R\$ 5,06 por dólar. Já na quinta-feira, 09, depois de uma recução da Selic de 0,25% na véspera, o Real foi a R\$ 5,16. Assim, houve estabilização nos preços internos da soja, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 119,00/saco, enquanto nas demais praças brasileiras o produto oscilou entre R\$ 112,00 e R\$ 120,00/saco, registrando aumento em relação a semana anterior. Um ano atrás, nesta época, a média gaúcha era de R\$ 128,70/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores oscilavam entre R\$ 113,00 e R\$ 127,00/saco.

Em relação ao Rio Grande do Sul, último Estado brasileiro a colher a soja e que, no início das atuais enchentes, ainda possuía 30% da área a ser colhida, o mercado indica uma possibilidade de perda entre 10% a 15% no total esperado devido a este problema. Com isso, a produção final gaúcha ficaria ao redor de 19 milhões de

toneladas, e não mais um pouco acima de 22 milhões esperados inicialmente. Haveria cerca de 5 milhões de toneladas de soja em risco quando as enchentes se iniciaram, no final de abril. As perdas, desta área, seriam de cerca de 2 milhões de toneladas. Assim, a produção total brasileira sofrerá novo recuo em sua projeção. No dia 02/05, já durante as enchentes, o Estado gaúcho ainda tinha 24% da área de soja a ser colhida. Embora ainda seja cedo para mensurar com exatidão as perdas, o fato é que as mesmas não devem ter sido pequenas. Com isso, a projeção da safra total brasileira ficaria entre 145 a 150 milhões de toneladas. (cf. AgRural)

Dito isso, a exportação brasileira de soja deverá cair 8% em maio, ficando em 13,2 milhões de toneladas. Nos primeiros cinco meses do ano o volume deverá atingir a 52 milhões de toneladas, contra 51,4 milhões em igual momento do ano anterior. Porém, deve-se levar em consideração que o porto de Rio Grande está praticamente inoperante para a soja, pois as rodovias e ferrovias que chegam até ele, no Rio Grande do Sul, ainda enfrentam bloqueios. (cf. Anec)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram um pouco durante a semana, após ensaiarem uma elevação no dia 06. Lembrando que a expectativa do mercado era de um relatório do USDA, divulgado neste dia 10/05, altista.

Assim, o bushel fechou a quinta-feira (09) em US\$ 4,42, contra US\$ 4,52 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda será comentado com profundidade no próximo boletim, lembrando que a expectativa do mercado era de que, para o milho, o mesmo viesse conservador, com viés altista para as cotações. O potencial produtivo nos EUA era de 378 milhões de toneladas para 2024/25, com os estoques finais mundiais aumentando para 319 milhões de toneladas. (cf. Hedgepoint) Resta, agora, conferir se isso realmente ocorreu.

Enquanto isso, o plantio do milho, nos EUA, até o dia 05/05, atingia a 36% da área esperada, contra 39% na média histórica para esta data. Na mesma ocasião, 12% do milho semeado estava germinado, contra 9% na média histórica.

Por outro lado, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 02/05, atingiram a 1,28 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. No total do ano comercial, até o momento, as exportações atingem a 33 milhões de toneladas, ou seja, 33% acima do realizado no mesmo período do ano anterior.

E no Paraguai, a última estimativa privada deu conta de uma colheita de 3,82 milhões de toneladas de milho, devido a cortes importantes em sua safrinha (cf. Stone X). Já na Argentina, notícias da região de Córdoba dão conta de que o aquecimento global trouxe grandes problemas aos produtores locais de milho, com a chegada forte da cigarrinha. O terceiro país exportador de milho do mundo reduziu em milhões de toneladas as suas projeções de colheita, para a safra atual, devido a esta praga rara para ele, a qual pode transmitir uma doença que danifica as espigas e os grãos da

planta. Os agricultores temem que essas infestações possam se tornar mais regulares, com menos geadas nos últimos anos para controlar a propagação do inseto e previsões de um inverno ameno à frente. Alguns agricultores argentinos já disseram que semearão menos milho na próxima temporada, em favor de outras culturas, como a soja, a principal cultura comercial do país sul-americano, que não é afetada pelos insetos. Muitos, inclusive, deixarão de plantar milho naquele país. Assim, cerca de 10 milhões de toneladas da produção esperada de milho já teriam sido perdidas, com o potencial de 60 milhões passando a 50,5 milhões de toneladas. E a situação ainda pode piorar na Argentina, em relação aos efeitos nocivos da cigarrinha.

Já no Brasil, os preços do milho se mantiveram com viés de alta. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 55,04/saco, sendo que nas principais praças locais os preços ficaram em R\$ 54,00. Nas demais regiões do país, os valores oscilaram entre R\$ 36,00 e R\$ 56,00/saco. Um ano atrás, a média gaúcha estava em R\$ 61,75/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores giravam entre R\$ 46,00 e R\$ 56,00/saco.

Apesar disso, o Indicador do milho ESALQ/BM&FBovespa em abril (referência região de Campinas – SP) caiu 5,9% em relação ao mês anterior. Na comparação anual, a queda é de 13,6%, em termos reais (calculado por meio do IGP-DI de março/24). Pelo lado da demanda de milho, os estoques remanescentes de 2022/23, a colheita da safra de verão em bom ritmo e as lavouras de segunda safra se desenvolvendo sem grandes problemas, têm levado compradores a limitarem as aquisições apenas para o curto prazo. Vale lembrar que há perdas no Rio Grande do Sul, devido às enchentes, e que no sul de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo, o baixo volume de chuvas e as altas temperaturas começam a deixar os agentes de mercado preocupados. (cf. Cepea)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a subir nesta semana, com o primeiro mês cotado chegando a bater em US\$ 6,32/bushel no dia 06/05, algo que não ocorria desde o final de dezembro passado. Posteriormente, o mercado cedeu um pouco, com a quinta-feira (09) fechando em US\$ 6,19/bushel, contra US\$ 5,86 na semana anterior.

Dito isso, as lavouras de trigo de inverno, nos EUA, no dia 05/05, apresentavam as seguintes condições: 50% entre boas a excelentes; 34% regulares e 16% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera, na mesma data, estava com 47% da área esperada semeada, contra 31% na média histórica. Por sua vez, 12% do trigo de primavera já semeado estava germinado, contra 9% na média histórica.

Ao mesmo tempo, os embarques de trigo por parte dos EUA atingiram a 321.124 toneladas na semana encerrada em 02/05, ficando próximo do limite inferior esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado pelos EUA, no atual ano comercial, chegou a 18,5 milhões de toneladas, o que é 7% abaixo do resultado obtido no mesmo período do ano anterior.

Quanto às expectativas para com o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/05, o mercado não esperava grandes mudanças nos estoques finais a serem anunciados, definindo, assim, uma tendência altista para as cotações do cereal. De

fato, o mercado esperava um corte de um milhão de toneladas nos estoques globais na safra 2023/24, corte esse que deveria vir do lado da demanda. Quanto à safra 2024/25 o mercado esperava o mesmo estoque final da safra anterior. (cf. Hedgepoint). A questão, agora, é conferir se tal tendência esperada se confirmou, fato que iremos analisar no próximo boletim.

E aqui no Brasil os preços se mantiveram com viés de leve alta, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 63,21/saco. No Paraná os preços atingiram a R\$ 67,00/saco. Um ano atrás, o preço médio do saco de trigo superior, no Rio Grande do Sul, era de R\$ 68,25, enquanto no Paraná o produto estava em R\$ 69,00.

A baixa oferta de trigo superior tem deixado o mercado ainda mais apertado e competitivo, elevando os preços deste tipo de produto. Diante disso, quem possui trigo de qualidade superior resiste em vender neste momento. E para o próximo plantio, que já iniciou no Paraná, existem muitas incertezas quanto a área, o clima e os custos de produção.

Por outro lado, a moagem de trigo no Brasil cresceu 2% em 2023, frente a 2022, atingindo a 12,81 milhões de toneladas. Este volume é o maior desde 2018, sendo que o volume de 2023 supera a máxima alcançada nos últimos anos, que foi de 12,7 milhões de toneladas moídas em 2020. Para o corrente ano não se espera grandes mudanças em relação ao ano anterior, já que a demanda não tem aumentado. A importação de farinha de trigo pelo Brasil, em 2023, somou 280.000 toneladas, contra 300.000 em 2022. Já a importação de trigo em grão pelo Brasil somou 4,2 milhões de toneladas no ano passado, com queda de cerca de um milhão de toneladas na comparação com 2022. A maioria das farinhas foi destinada para a indústria de panificação e pré-misturas, em um patamar de 35%, seguido do setor de massas e indústria de biscoitos, com mais de 10% cada. Outras categorias, como para embalagens de um quilo (com 12,7%), respondem pelas fatias restantes. Além disso, três novos moinhos entraram em funcionamento em 2023 aqui no Brasil, sendo que o levantamento realizado se deu a partir de 147 plantas industriais. Enfim, o setor, no Brasil, trabalha com capacidade ociosa de 24%, enquanto os Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul são aqueles com maiores taxas de utilização da capacidade, com 86,2% e 84,6% respectivamente, frente a 76% na média nacional. (cf. Abitrito)